

SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM LITERÁRIA DE FRANZ KAFKA

REZENDE, Gisele da Silva¹

SILVA, Alex Sander da²

Grupo de Trabalho – Cultura, Currículo e Saberes
Agências Financiadoras: PIBIC/CNPq

Resumo: Este texto apresenta o resultado do projeto de pesquisa intitulado *Estudo sobre Subjetividade, Alteridade e Formação: Uma Leitura do Processo de Franz Kafka*. Tal estudo visa a fazer uma análise da obra literária *O Processo* de Franz Kafka, do início do século XX, a fim de tentar entender o processo de subjetividade e sua aproximação com questões educacionais. A pesquisa configurou-se como um estudo teórico/bibliográfico cuja metodologia constituiu-se, essencialmente, da leitura de *O Processo* e da obra *Educação e Emancipação* (ADORNO, 1995), com a pretensão de oportunizar uma reflexão das ações comuns a esta sociedade. O desenvolvimento da pesquisa pautou-se na seguinte problemática: como perceber a tentativa de comunicação de experiência na literatura kafkaniana no sentido/como potencial emancipatório?

Palavra-chave: Subjetividade. Formação cultural. Razão instrumental. Teoria crítica. Kafka.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea está sujeita a diversas influências em razão da globalização e da tecnologia que vêm oportunizar um conhecimento abreviado, porém imediato dos acontecimentos mundiais. Em razão disto, não se pode estar imune ao que demanda uma sociedade confusa e difusa tamanha são as (des)orientações oriundas de realidades diversas e conflituosas. Em se tratando dessas realidades no contexto educacional, atualmente a escola chegou ao que seria o auge de suas pretensões do que seria um indivíduo autônomo. Porém, algumas questões fazem-se necessárias: A escola prepara indivíduos autônomos? Se sim, como podemos identificá-los em suas atuações sociais? Se não, o que seria necessário para que houvesse esta preparação? Sabemos das complexidades dessas questões, mas para isso é preciso considerar o processo de “heteronomização” ao qual a sociedade está sendo “assujeitada”. “A arte necessita da filosofia, que a interpreta, para dizer o que ela não consegue dizer, conquanto só através

*Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa: Estudos sobre “Subjetividade, alteridade e formação: uma leitura d ‘*O Processo*’ de Franz Kafka”. Parte deste artigo já foi apresentada no evento XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE. 2013 na PUC/PR.

¹Acadêmica do curso de Pedagogia da UNESC. Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq. E-mail: gikal1@hotmail.com

²Doutor em Educação pela PUCRS. Professor do PPGE/UNESC. Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Educação, Formação Cultural e Sociedade (GEFOCS). E-mail: alexsanders@unesc.net

da arte pode ser dito ao não ser dito.” (ADORNO, 1995). Pensar a subjetividade na perspectiva da teoria crítica de Theodor W. Adorno constitui uma tarefa que não pode furtar-se de algumas categorias potencialmente pedagógicas de tal teoria. O papel da educação, tal como visto por Adorno, é impedir a barbárie. A essência da obra de Kafka retrata o distanciamento entre a racionalidade e a sensibilidade expressa na conduta cotidiana das pessoas.

2. FRANZ KAFKA E A OBRA *O PROCESSO*

Franz Kafka é considerado um dos principais escritores da Literatura moderna. Nasceu em Praga, dia três de julho de 1883, filho mais velho de um casal da classe média judaica, Julie Löwy e Hermann Kafka. Seu pai, Hermann Kafka, era comerciante e marcou profundamente a vida de seu filho por sua severidade. Trechos de uma turbulenta e delicada relação com seu pai servem para a interpretação de suas obras. A vida profissional, por sua vez, não lhe é menos preciosa em circunstância das atribuições provocadas tanto pelas funções que exerceu como por saúde frágil. Estudou Direito na Universidade de Praga, formando-se em 1906. Trabalhou a maior parte de sua vida como advogado do Instituto de Seguros contra acidentes de trabalho; em paralelo, dedicou-se à literatura (SPINELLI, 2005, p. 74).

No livro *O Processo* (2003), o personagem Josef K. não se transforma em barata, mas fica atordoado em meio a um processo, sobre o quê ele sequer sabe a razão pela qual está sendo acusado. O texto começa em uma manhã num quarto de pensão, contando a história de K., que, apesar do lugar onde os fatos são narrados, trabalha como procurador do banco. Ao despertar, percebe dois estranhos em seu quarto, revirando as suas coisas à procura de algo, como uma “prova” de um possível delito. Sem informar do que trata o processo, simplesmente informam que ele está detido. Apesar disso, Josef poderá manter seus afazeres diários, enquanto responde ao processo.

É angustiante o nervosismo do personagem que tenta provar sua inocência sem sequer saber qual a acusação. O autor consegue prender a atenção do leitor, que busca veementemente descobrir o porquê do processo, visto que seu senso de dever era exemplar e seu trabalho valorizado. Impossível acreditar que alguém com tal reputação possa ter cometido algum delito. No entanto, visto que somos humanos, estamos propensos a isto, o que faz a relação entre leitor e autor ser mais intensa, porque na obra

K. não consegue aceitar esta inquisição; é como se ele fosse superior às demais pessoas, incapaz de aceitar um possível erro que seja sob sua conduta pessoal ou profissional. É como se os seus passos fossem friamente calculados.

por outro lado o caso também não pode ter tanta importância. Tiro essa conclusão do fato de ser acusado e não conseguir descobrir a mínima culpa da qual me pudessem acusar. Isso também é secundário, a questão principal é: por quem sou acusado? Que autoridade conduz o processo? (KAFKA, 2003, p. 21).

A obra nos remete à preocupação de sermos ou não absolvidos de julgamentos diários aos quais somos submetidos em função da cultura na qual vivemos. Comentei com meu professor, responsável pelo meu acesso à obra, que inevitavelmente coloquei-me no lugar do personagem e que o suspense e a sensação de impotência são angustiantes. A lógica desta obra está na sensibilidade de um olhar direcionado para as coisas como a opressão burocrática das instituições, a justiça e a fragilidade do homem comum frente aos problemas do cotidiano.

A leitura é uma oscilação entre sonho e pesadelo, pois os fatos iniciam-se ao despertar de Josef Kafka em um quarto de pensão que faz conexão com o quarto da senhorita Butner. É uma mulher que trabalha em um clube na noite, cuja atividade realizada é mal vista pela dona da pensão, senhora Grubach. A princípio, K. chega a pensar que seu processo tenha a ver com a senhorita Butner que aparece no início do livro e depois só perto do final da história, quando está de mudança da pensão. Reflete mais sobre a questão e chega à conclusão de que jamais teve qualquer tipo de envolvimento com a senhorita Butner e que o fato de, por algumas vezes, sua presença ter estado em seus pensamentos mais íntimos, não haveria provas de algum delito disto.

Kafka era um homem de *hábitos regulares*, desta forma fica inviável um processo contra ele. Os agentes do Estado tentam convencê-lo de que ninguém está imune à justiça e que aceitar sua situação é a melhor saída. Parece que todos os personagens sabem a razão pela qual o processo foi instituído, e esta é tão óbvia que não é aceitável que Kafka a desconheça. São angustiantes as passagens de tempo que o personagem perde tentando provar sua inocência sem saber do que está sendo acusado. Como o livro foi publicado postumamente, ficou inacabado, e com a sensação, como de leitor que fugiu alguma passagem na qual está a solução para este problema. Somos todos julgados constantemente por comportamentos contrários aos que convivem na mesma cultura e frequentam os mesmos lugares, desfrutam das mesmas crenças, mas

conscientes da nossa humanidade e conseqüentemente imperfeição, refletimos sobre nossos atos, presentindo possíveis acusações. Neste instante, não estamos muito preocupados com o viver harmonicamente em sociedade (revelando a educação a qual fomos submetidos), mas em demonstrar uma superioridade em relação às demais pessoas.

Ao tratarmos brevemente sobre a obra e alguns dos seus personagens, podemos remeter a condição da subjetividade moderna. Pensar a subjetividade na perspectiva da teoria crítica de Theodor W. Adorno constitui uma tarefa que não pode furtar-se de algumas categorias potencialmente pedagógicas de tal teoria.

3. UMA LITERATURA COM POTENCIAL EMANCIPATÓRIO?

Como perceber a tentativa de comunicação de experiência na literatura kafkiana no sentido/como potencial emancipador?

Entender o contexto da vida de Franz Kafka nos ajuda a compreender suas escritas carregadas de mistérios, desilusões e inquietudes em relação à forma subjetiva da experiência que cada indivíduo tem com o mundo. Além disto, a tentativa/o exercício de comunicação da experiência perceptível na obra de Kafka pode funcionar como categoria de análise para a função social desta linguagem: Literatura. Em qualquer que seja sua obra, é possível refletir sobre nossas características, pensamentos divergentes ou não, comportamentos diante de diversas situações muitas vezes comuns apesar da posição em um determinado grupo de pessoas, quer sejam familiares, colegas de trabalho ou amigos pessoais, uma vez que nossa individualidade é mantida. Sua escrita revela a importância de ponderar/analisar nossas atitudes considerando todo o contexto antes de expor prévios julgamentos sobre seus personagens. A subjetividade de Kafka sugere que mesmo desfrutando de um mesmo convívio, quer seja pessoal ou profissional, o que deve ser semelhante/comum aos homens é a moral e a sensibilidade no exercício de nossa suposta autonomia. Como não nos perceber diferentes apesar de estar dentre “iguais”, sem respeitar a individualidade de cada um? Que comportamento está servindo de exemplo, abrangendo um público ainda maior como modelo? É mais comum, e cômodo também, ao indivíduo, deixar-se influenciar pela opinião alheia e orientar-se pelo que a maioria decide ser melhor. Desta maneira, julgar e apontar o “erro” alheio parece demonstrar autonomia e firmeza. É como se só o outro tem

problema. Qual a participação da escola neste contexto? Graças a muitos pesquisadores da área da Educação, hoje temos uma escola mais flexível, embora não mais autônoma, pois cada vez mais a escola precisa atender o desejo de uma sociedade desorientada em razão dos mandos e desmandos de governantes incapazes/desqualificados para a função, porém bem cientes de suas intenções cada vez mais egoístas, justificadas pela nação que os elege.

À medida que a literatura de Kafka narra acontecimentos ainda atuais, com personagens comuns tanto em sua aparência como em seu comportamento, será possível refletir sobre e contribuir com nossas atitudes, considerando personagens que fogem ao padrão de beleza, de situações de glamour e do que propunha a grande maioria de pessoas com as quais o personagem principal convivia. É a subjetividade de Kafka no ato de compreender o que diz as entrelinhas, ir além das palavras. “A função da escola vai além de apenas passar o conteúdo. Mas isso não livra os pais do seu papel de educar e construir o caráter dos filhos”. (ESDRAS LORETO)

O trabalho de Letramento é visto com maior frequência hoje nas escolas, a fim de favorecer o raciocínio, mas de difícil compreensão para professores que deixam em um momento de produzir suas aulas (décadas atrás) para apoiar-se em trabalhos alheios de pesquisa e de produção. Nenhuma pesquisa é cobrada de forma qualitativa aos que estavam ou estão em período de formação, apenas que obedeçam ao que exigem as leis e os documentos da escola. “Há evidências cada vez mais fortes de que certos traços de caráter e personalidade, como persistência e autocontrole, são tão determinantes para a vida estudantil e profissional quanto saber português e matemática”. (CAMILA GUIMARÃES)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os personagens de Kafka demonstram estranhamento diante de tanta insensibilidade e indiferença para com os semelhantes, o que faz o leitor supor e considerar que se trata de um autor depressivo/insensato. Sua história pessoal é de fato triste; era um membro da família invisível, porém rentável, por manter a casa, contudo, seus escritos querem tornar muitos que se identificam com seus personagens em

protagonistas em seus espaços/contextos. É um autor a frente do seu tempo, capaz de permanecer atual apesar de mais de um século depois. A literatura de Kafka propõe o letramento; o desafio atual é organizar esse tipo de ensino, uma leitura de mundo ampla, pois não é possível compreender sua obra, apenas abster-se exclusivamente do personagem principal, porque é preciso considerar o contexto/a trama para entender o comportamento dele no desdobramento da história, pois fatos que interferem em seu modo de agir. A escola contemporânea requer o letramento como peça de engrenagem que irá oportunizar o sucesso tanto na vida pessoal como profissional. Não é mais possível ficar preso a livros didáticos ou romances utópicos que permitem ao indivíduo desacreditar no próximo e aceitar o fardo que carrega. A mídia tem relatado sobre a geração diploma, que tem deixado muito a desejar no mercado de trabalho e trazido diversos problemas à segurança, ao bem-estar e ao relacionamento social, acarretando transtornos psíquicos e comportamentais em larga escala. “O homem contemporâneo não cultiva o que não pode ser abreviado”. (WALTER BENJAMIN)

A subjetividade persistentemente em si mesmo e transformando-se em mera peça da engrenagem social está fadada aos espetáculos barbarizados da sociedade atual. E ao seguir o sentido dos pensamentos de Adorno e de Kafka, o resgate da crítica deveria estar potencialmente no *ethos* de uma educação ética e estética. Assim, uma articulação entre a educação e a experiência estética postula uma relação de estranhamento e a reapropriação entre espírito e mundo. Esta pesquisa sobre a literatura de Kafka considera que a mudança do indivíduo acontece quando ele reflete sobre o contexto em que está inserido, relacionando a leitura que faz tanto de mundo quanto de gênero literário, afinal, são as perguntas que movem o mundo na busca pelas respostas.

REFERÊNCIAS

KAFKA, Franz. **O Processo**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

GUROVITZ, Helio. A vida dele vale tanto quanto a sua?. Caixa Postal. **Época**, São Paulo, SP, n.805, p.22, out. 2013.

GUIMARÃES, Camila. Caráter se aprende na escola. Fronteiras da Educação. **Época**, São Paulo, SP, n. 804, p. 58, out. 2013.